



Recebido em:  
02/08/2017  
Aprovado em:  
03/08/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

**Contextos e estratégias para resolução de situações problemas relacionadas à violência no ambiente escolar na Rede Municipal de Ensino de Salvador-BA.**

JOMÁRIA ALESSANDRA QUEIROZ DE CERQUEIRA ARAUJO  
DÉBORA CAROLINA BELÉM  
EDMUNDO VINICIUS DE ALMEIDA SANTOS

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

**Resumo**

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada em seis escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador e de discussões desenvolvidas no curso de extensão de intervenção psicossocial - formação de mediadores em situação-problema, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). No artigo, apresentamos um breve contexto da violência no ambiente escolar, o perfil dos participantes da pesquisa, a frequência dos relatos de agressão na escola e agressão doméstica e as estratégias adotadas pelos gestores para diminuir a incidência de tais situações. Este trabalho pode, portanto, fomentar novas pesquisas e discussões sobre o tema e fornecer informações sobre possibilidades de ação dos gestores para a resolução de situações semelhantes, em outras escolas e redes de ensino.

**Contextos e estratégias para resolução de situações problemas relacionadas à violência no ambiente escolar na Rede Municipal de Ensino de Salvador-BA.**

**Eixo temático:** 12: Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais.

**Resumo**

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada em seis escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador e de discussões desenvolvidas no curso de extensão de intervenção psicossocial - formação de mediadores em situação-problema, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). No artigo, apresentamos um breve contexto da violência no ambiente escolar, o perfil dos participantes da pesquisa, a frequência dos relatos de agressão na escola e agressão doméstica e as estratégias adotadas pelos gestores para diminuir a incidência de tais situações. Este trabalho pode, portanto, fomentar novas pesquisas e discussões sobre o tema e fornecer informações sobre possibilidades de ação dos gestores para a resolução de situações semelhantes, em outras escolas e redes de ensino.

**Resumen**

Este trabajo es el resultado de una investigación realizada en seis escuelas públicas del Sistema Escolar Municipal en El Salvador y los debates que tuvieron lugar en el curso de ampliación de intervención psicossocial - formación de mediadores en situación problemática. promovido por la Universidad del Estado de Bahia (UNEB). En este artículo

presentamos un breve contexto de violencia en el entorno escolar, el perfil de los participantes en la investigación, la frecuencia de los informes de daños en la escuela y el hogar los daños y las estrategias adoptadas por los gestores para reducir la incidencia de tales situaciones. Este trabajo puede, por lo tanto, fomentar la investigación y los debates sobre el tema y proporcionar información acerca de las posibilidades de acción de los gerentes para la resolución de situaciones similares en otras escuelas y redes de educación.

**Palavras-Chaves:** Violência Escolar; Intervenção Psicossocial; Gestores Escolares.

## **Introdução**

A escola é um espaço formal de educação e projeta as regras e demandas da sociedade na qual está inserida. Como palco do segundo processo de socialização humano, sua dinâmica sofre influência dos fatos sociais e esses podem impactar sobre os resultados dos processos educativos. Neste sentido, casos de violência, comuns nas grandes cidades, têm sido presenciados dentro das escolas e de forma cada vez mais frequente, vitimizado alunos, professores, gestores e funcionários e interferido nos resultados do desempenho escolar e do desempenho dos profissionais de educação.

Com efeito, com o aumento dos casos de violência na sociedade e a ampliação de acesso à educação formal, segundo ICÓ (2016): a escola acolheu também os problemas sociais como a maior vulnerabilidade das crianças à violência doméstica e das ruas, dos adolescentes e jovens à droga e dos próprios adultos à violência urbana como um todo (P. 35).

Nessa perspectiva, embora ofereça educação fundamental e atenda um público na faixa etária dos 0 aos 15 anos (faixas etárias menores diminuem a possibilidade de porte de arma e de ferimentos mais graves pela pouca força exercida pelos alunos - Nunes e Abramovay, 2003), escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador, mesmo no turno matutino, apresentam registros frequentes de violência. Esta violência desestabiliza a dinâmica escolar, gerando medo e insegurança, sentimentos dificultadores da assimilação do conhecimento.

Como consequência dessa violência, ouvimos relatos de profissionais apreensivos, interrupções no raciocínio das aulas, redução do tempo pedagógico, diminuição do desempenho escolar e adoecimento dos profissionais.

Como educadores, sabemos que as situações de violência no ambiente escolar, na maioria das vezes, são debeladas pelos professores e funcionários antes que o gestor escolar tenha conhecimento dos fatos, contudo, situações mais graves e recorrentes são apresentadas ao diretor, exigindo deste profissional o conhecimento da legislação sobre direitos e deveres das crianças e adolescentes e a utilização de estratégias de ação que possam diminuir a incidência de tais situações.

Diante de discussões promovidas no curso de extensão desenvolvido pela UNEB sobre as possibilidades de intervenção psicossocial e a grande responsabilidade que paira sobre a figura do gestor escolar, decidimos elaborar e aplicar um questionário para identificar a frequência de relatos de agressão física, verbal e doméstica em algumas escolas da Rede e listar as estratégias utilizadas pelos gestores para solucionar tais situações problemas.

## **Violência no ambiente escolar**

A violência é um fenômeno conhecido historicamente no ambiente escolar, já que, ela é a manifestação de uma forma de poder sobre o outro (Marriel, 2006). Ela pode refletir situações que ocorrem no cotidiano das comunidades de entorno e que requerem transformações macrossociais. Contudo, os conflitos presenciados nas escolas também requerem respostas por parte dos agentes escolares a fim de garantir uma harmonia no ambiente educativo.

Neste sentido, as escolas utilizam de estratégias variadas para diminuir os embates e para estabelecer um ambiente adequado à prática educativa. Estas estratégias variam de acordo com as características de cada comunidade, com o conjunto de leis disponíveis (Constituição Federal, ECA, Projeto Político Pedagógico, Regimento Interno), com a gravidade da ocorrência e com a capacidade demonstrada pelos profissionais para criar mecanismos democráticos de

estabelecimento de regras de convivência e de punição a delitos.

Segundo Camacho (2000), existem basicamente duas formas de violência no ambiente escolar: física (brigas, agressões físicas e depredações) e não física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e atitudes de desmerecimento). Há formas de violências mais sutis que podem, inclusive, ser praticada pelos profissionais de educação e pelas próprias instituições de ensino. São exemplos de tais práticas a imposição de conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos, o precário conteúdo ministrado, a pressão a partir do poder de conferir notas, a ignorância quanto aos problemas dos alunos, o tratamento pejorativo, incluindo as agressões verbais e a exposição do aluno ao ridículo, no caso de incompreensão a algum conteúdo de ensino (Guimarães, 1992).

Como afirmamos, essas formas de violência podem ser protagonizadas tanto por discentes, como agentes educativos e têm no termo bullying, sua manifestação mais discutida na atualidade.

De acordo com Lopes, Aramis, Saavedra (2003):

*Bullying* caracteriza-se por atos repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de pessoas ou grupos sobre outras pessoas ou grupos, subjugados pela força dos primeiros. Trata-se de indivíduos valentes e brigões que põem apelidos pejorativos nos colegas, aterrorizam e fazem sofrer seus pares, ignoram e rejeitam garotos da escola, ameaçam, agredem, furtam, ofendem, humilham, discriminam, intimidam ou quebram pertences dos colegas, entre outras ações destrutivas. (P,78).

A crescente discussão sobre essas formas de agressão e suas consequências para a sociedade exigem formas mais assertivas para a sua prevenção e combate. Contudo, Neste contexto, vários elementos podem ser associados à violência no ambiente escolar:

1. gênero - meninos se envolvem mais em situações de violência, seja como vítimas ou autores; 2. idade - o comportamento agressivo é associado ao ciclo etário; 3. etnia - resistência dos alunos de minorias étnicas ao tratamento discriminatório por parte de colegas e professores; 4. família - alvo de controvérsia, especialmente pelas "características sociais das famílias violentas"; 5. ambiente externo - comunidades com sinais de abandono ou decadência estão mais vulneráveis à violência; 6. insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública - falta de equipamentos e recursos didáticos e humanos, além da baixa qualidade do ensino; 7. exclusão social - restrições à incorporação de parte da população à comunidade política e social; 8. exercício de poder - desestímulo e discriminações contribuindo para desrespeitar os direitos humanos dos alunos à proteção (NUNES E ABRAMOVAY, 2003).

Nesta perspectiva, o respeito à diversidade, à pluralidade cultural, a estruturação do sistema de ensino e a participação da família na vida escolar dos alunos são elementos fundamentais para a prevenção de práticas agressivas e desmoralizantes. É com base na prática do respeito mútuo, construído dentro das relações escolares, que as intervenções psicossociais devem ser definidas no ambiente escolar.

### **Intervenções sociais e psicossociais**

As escolas funcionam como espaço agregador de diferentes pessoas, com frequência regular, extenso tempo para convivência e, conseqüentemente, para a reprodução de conflitos sociais. Ela consiste, portanto, num espaço promissor para a realização de intervenções sociais e psicossociais.

A redemocratização da sociedade brasileira facilitou a realização de tais intervenções, porque as normas jurídicas estabelecidas desde a Constituição Federal de 1988 preveem a existência de associações e o agrupamento de diferentes pessoas para discutirem interesses coletivos ligados à educação, inclusive dentro das escolas. Este é o caso dos colegiados e dos conselhos escolares nas diversas esferas de poder político. Eles promovem a gestão democrática e compartilhada dos recursos e serviços públicos.

Contudo, para além das discussões promovidas dentro dos Conselhos e dos colegiados, é possível realizar intervenções sociais e psicossociais envolvendo funcionários, alunos e famílias, especialmente para resolução de

situações problemas relacionadas à violência no ambiente escolar.

Assim, como todo conflito requer uma superação, casos de violência no ambiente escolar requerem respostas que ajudem a restaurar a ordem e a convivência pacífica entre os envolvidos. Desse modo, estratégias de intervenção social e psicossocial constituem-se como alternativas para:

- Agregar conhecimento.
- Agrupar pessoas em função da solução de um problema coletivo.
- Identificar a raiz do problema;
- Discutir possíveis soluções;
- Potencializar as relações entre os envolvidos;
- Sensibilizar a consciência das pessoas ou grupos observados;
- Articular ações; e
- Viabilizar o aumento da produtividade de um grupo.

Em especial, a prática da intervenção psicossocial promove significativas conquistas para os grupos operativos. Contudo, tal prática, exige a existência e a ação de um mediador que conheça o contexto e o grupo participante, alguém que esteja psicologicamente preparado para efetivar a intervenção, que inspire confiança e que permita a verbalização dos conflitos, a categorização das vítimas das repressões e estabeleça condições para a vivência de relações interpessoais mais confortáveis.

Segundo Pichon-Rivière (1988)

...essa articulação com os grupos constitui-se como uma abordagem social e um importante elemento facilitador da operatividade, pois, com base na ação de um mediador é possível operar nas relações conflitantes e assim causar mudanças qualitativas nas relações e capacidade produtiva dos grupos (P, 165).

Embora essa abordagem social requeira preparo e um básico conhecimento psicológico, segundo Pierre Lévy e Jean Dubost APUD ICÓ, 2016 (P.65), no processo de intervenção psicossocial, ainda que possamos ter como referência alguns conceitos psicanalíticos, é importante compreendermos que, na realidade, há uma dificuldade do analista/educador se estabelecer como um sujeito neutro na resolução dos conflitos e problemas, mas há uma necessidade dele pertencer ao grupo para que compreenda o contexto. A isso Lévy e Dubost (2001, p. 191) denominaram de “desenvolvimento de uma relação normativa e pedagógica falsamente denominada de analítica”.

Diante disso, ICÓ (2016) menciona que:

...o analista não pode estar em uma situação de exterioridade radical ao grupo ou à organização, pois variáveis da mesma natureza condicionam seu lugar e o dos outros membros, uma vez que, desde o início, ele se insere no mesmo sistema de alianças, pressões, estratégias, das quais necessariamente é parte. (P.87)

Neste sentido, o grupo participante e seu ambiente se constituem como um espaço de socialização, pedagogicamente orientado, cuja finalidade é a formação humana e a transformação social e o gestor educacional incorpora o potencial de mediador/analista e orientador na busca pela resolução dos conflitos coletivos.

### **Contexto, participantes e resultados da pesquisa.**

A pesquisa teve, entre outros objetivos, identificar a incidência e a frequência de relatos de violência ocorridos entre os alunos e dentro da escola. O instrumento de investigação (questionário) promoveu o questionamento acerca de situações que colaboraram para delinear o perfil dos respondentes, para investigar a incidência dos relatos de agressão nas escolas e para listar as estratégias utilizadas pelos gestores para debelar tais situações.

No questionário foram propostas quatro questões para delinear o perfil e oito para analisar relatos de violência na escola. Dessas oito questões, seis apresentam o formato de questões objetivas, variando de duas a seis proposições

cada e duas questões apresentam formato fechado, que permitiram a exposição subjetiva do tema.

Essa investigação foi realizada em seis escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Salvador, organizadas pela Gerência Regional do Cabula GRE – Cabula e localizadas em bairros com altos índices de homicídio e violência familiar. Foram aplicados 20 questionários, cujos respondentes desempenham funções de coordenador pedagógico, docente e gestor escolar.

Entre os respondentes, quinze são do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Eles estão inseridos na faixa etária dos vinte aos sessenta anos, dos quais mais de 50% possui mais de quarenta anos.

Quanto ao grau de escolaridade, dois concluíram o mestrado, doze possuem especialização na área de Educação e seis possuem apenas graduação. Quanto à área de formação, 100% dos respondentes estudaram em cursos de licenciatura. Destes, 20% possui, além dessa formação, outras graduações.

De acordo com a análise das respostas, a experiência profissional desses educadores é ampla. Todos atuaram como docentes em alguma fase de suas carreiras. Atualmente, 10% atua na função de coordenador pedagógico, enquanto 60% exerce o cargo de gestor escolar e os demais permanecem na carreira docente. O tempo médio de atuação como educador dos respondentes é de mais de dez anos e cerca de 40% trabalha há mais de quinze anos na área.

Analisando as respostas quanto à incidência de situações de violência visualizadas pelos educadores nos últimos meses, constatamos que, 95% dos respondentes afirmou ter presenciado situações de agressão verbal entre os alunos na escola, enquanto 85% afirmou ter presenciado casos de agressão física. 80% deles ainda mencionou ter ouvido relatos de agressão doméstica.

Quanto à frequência com que os educadores afirmaram ter presenciado tais casos, percebemos que casos de violência verbal são diariamente presenciados pelos educadores, ocorrendo até mais de uma vez por dia. Eles relataram que testemunham xingamentos, apelidos, constrangimentos, desqualificações e desprezo sendo praticados naturalmente entre os alunos. Tais profissionais sugerem que essas atitudes podem ser reproduções de comportamentos vivenciados nas residências, ruas e outros espaços frequentados pelos discentes.

Diante de tal demanda, os gestores afirmaram que orientam todo o grupo de docentes e funcionários a não reforçarem tais comportamentos, não adotando apelidos, nem mesmo sorrindo diante das situações.

Os gestores afirmaram também que, em casos recorrentes, as famílias são informadas acerca dos comportamentos inadequados e das consequências psicológicas, sociais e legais dessas experiências. Alguns gestores afirmaram que convocam as famílias e fazem uma anamnese para conhecer o contexto familiar dos discentes e de suas relações com os familiares e a comunidade. Eles relataram que orientam as famílias a desenvolverem práticas pautadas no respeito à individualidade e às diferenças, a realizarem atividades lúdicas, literárias e artísticas de forma coletiva dentro das casas, visando estreitar os laços e criar um clima de confiança e segurança familiar.

Relatos de visualização cotidiana de agressão física entre os alunos foram feitos por 85% dos participantes. 50% deles declarou que vivenciam diariamente tais casos, com níveis diferenciados de gravidade e por motivos dos mais banais. Muitos deles informaram que alguns dos casos de agressão física são resultados de conflitos iniciados no âmbito verbal ou de rixas.

As estratégias de gestão usada nesses casos são: registrar o ocorrido na folha individual do aluno para análise do Conselho Escolar, convocar os responsáveis pelos alunos, conversar com os alunos sobre os fatos e suas possíveis consequências.

Sobre a incidência de relatos de violência doméstica, dos educadores entrevistados, 30% preferiu não responder à pergunta, 35% mencionou ter ouvido pelo menos um relato mensal, 20% ouviu relatos semanais de agressão doméstica, 10% ouviu relato a cada quinzena e 5% ouviu relato diário desse tipo de violência.

Os participantes responderam que relatos dos alunos sobre violência doméstica possuem pouca possibilidade de verificação, a menos que existam marcas e cicatrizes expostas. Eles reconhecem que os alunos podem fantasiar ou superdimensionar formas de punição aplicadas pelos responsáveis. Afirmaram que, exceto em casos muito evidentes, casos em que marcas de violência física sejam visíveis, os gestores e outros agentes educativos pouco podem

interferir. Nestes casos, a alternativa adotada é realizar programas de Escolas de Pais, palestras multidisciplinares e outras atividades de sensibilização.

Ao serem questionados quanto as possíveis causas das manifestações de violência dos alunos, os educadores apresentaram muitas razões, das quais, as mais assinaladas por quantidade de citação foram: Desestruturação familiar, histórico de violência familiar e comunitária, falta de apoio da familiar na vida escolar dos alunos, desigualdade social, falta de estrutura física das escolas, influência da mídia, ausência de limites, baixa atuação dos órgãos públicos nas comunidades (Conselho Tutelar, Ministério Público, etc) e insuficiência de parcerias entre a escola e a comunidade para promoção de atividades extracurriculares.

Os gestores participantes também tiveram a oportunidade de listar as estratégias utilizadas para diminuir os casos de violência na escola. Eles citaram que realizam ações constantes para promover a integração da família com a escola. Estes profissionais mencionaram também que orientam todo o corpo docente, técnico e de suporte da escola a realizarem uma escuta sensível para cada caso. Eles relataram que consideram fundamental a participação dos alunos nas conversas com os pais, para incentivar a discussão e compreensão de todos os envolvidos quanto as causas e consequências do problema e quanto as possíveis soluções.

Os gestores declaram que buscam manter parcerias com órgãos públicos, privados e da Sociedade Civil para a promoção de atividades culturais, artísticas, esportivas e literárias para toda a comunidade escolar. Entretanto, esses ressaltam que há limites estruturais na aplicação dessa estratégia, pois as escolas da Rede possuem poucos espaços para a realização de atividades que envolvam um número maior de pessoas. Diante dessa limitação, alguns gestores afirmaram que articulam parcerias com instituições presentes na comunidade (templos, garagens, etc) para realizar as atividades.

Exemplos de intervenções psicossociais praticados pelos gestores são: organização de grupos operativos formados por docentes e funcionários, grupos formados por pais e gestores e reuniões promovidas com líderes comunitários. Essas intervenções incluem a identificação de problemas relacionados à violência, discussão de causas e consequências, definições de papéis sociais e listagem e análise de alternativas para solucionar os problemas identificados.

Outras formas de intervenção adotadas pelos gestores são a realização de palestras com equipes multidisciplinares para os pais e alunos, disponibilização de oficinas, encaminhamento para acompanhamento médico e psicológico em órgãos governamentais ou não governamentais e, principalmente, a prática do diálogo constante entre pais e equipe escolar e entre os membros da equipe escolar, para análise das dificuldades enfrentadas e para a discussão de alternativas de superação.

### **Considerações Finais.**

Antes de tudo, consideramos a escola, principalmente a escola pública, como um espaço de conquistas e de superação, isso porque entendemos que nela são empreendidos muitos esforços para superar problemas causados por fatores das mais variadas dimensões. Compreendemos que para a escola e seus profissionais são atribuídas culpas e responsabilidades que excedem seu limite e seu papel. Mesmo diante de tais exigências e da dura realidade social, os profissionais de educação não cessam de planejar, realizar e avaliar atividades que superam o âmbito pedagógico e podem transformar a vida das famílias atendidas e da comunidade de entorno.

Exemplos dessas atividades são as ações que são desenvolvidas por gestores, coordenadores pedagógicos e docentes dentro dos espaços escolares para a prevenção e o combate à violência entre os alunos. Em especial, os gestores participantes da pesquisa têm realizado intervenções psicossociais para orientar suas equipes profissionais, os alunos e suas famílias e toda a comunidade escolar de forma a, em última instância, criar um clima favorável para a assimilação do conhecimento, para o exercício da cidadania e para o aumento da produtividade de toda a comunidade escolar.

### **Referências.**

CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si.** São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, A. M. A Escola e a ambigüidade. In: SILVA, A. et al. **O Papel do diretor e a escola de 1º grau.** São Paulo, 1992. p.51-74.

ICÓ, Antônio Carlos. **Cenas de Intervenção Psicossocial: situações problema em salas de aula do DEDC I da UNEB.** Dissertação aprovada pelo Mestrado Profissional. Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. GESTEC/UNEB, 2016.

LÉVY, André; DUBOST, Jean (Orgs.). **Psicossociologia: análise social e intervenção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, N.; ARAMIS, A.; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o Bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro, 2003.

**MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. Cad. Pesqui. vol.36 no.127 São Paulo Jan./Apr. 2006.**

**NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg; Unirio, 2003.**

**PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.**

#### Referências.

CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si.** São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, A. M. A Escola e a ambigüidade. In: SILVA, A. et al. **O Papel do diretor e a escola de 1º grau.** São Paulo, 1992. p.51-74.

ICÓ, Antônio Carlos. **Cenas de Intervenção Psicossocial: situações problema em salas de aula do DEDC I da UNEB.** Dissertação aprovada pelo Mestrado Profissional. Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. GESTEC/UNEB, 2016.

LÉVY, André; DUBOST, Jean (Orgs.). **Psicossociologia: análise social e intervenção.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOPES, N.; ARAMIS, A.; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o Bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro, 2003.

**MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C. Violência escolar e auto-estima de adolescentes. Cad. Pesqui. vol.36 no.127 São Paulo Jan./Apr. 2006.**

**NUNES, M. F. R; ABRAMOVAY, M. Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. Brasília: Unesco; Fundação W. K. Kellogg;**

**Unirio, 2003.**

**PICHON-RIVIÈRE, E. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.**

**Notas:**

Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo (Autora) - Mestre pelo Mestrado profissional em Gestão e Tecnologia Aplicada da Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Pedagogia Organizacional e Desenvolvimento de Recursos Humanos. Graduada em Pedagogia pela UFBA, Participo do NUGEF - Núcleo de Gestão Educacional e Formação de Gestores - GESTEC - da Universidade do Estado da Bahia, do Grupo de Pesquisa Gestão, Educação e Direitos Humanos (GEDH) e do Grupo de Pesquisa CriaAtivos: criando um novo mundo. Participante do curso de extensão de intervenção psicossocial - formação de mediadores em situação-problema, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)Atua como gestora escolar na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador. E mail: akeiroz@gmail.com

(Débora Carolina Belém (Coautora) – Especialista em Educação infantil, possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia(2000) e graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário da Bahia(2011). Trabalhou como professora/orientadora dos programas de formação docentes da Rede UNEB. Participante do curso de extensão de intervenção psicossocial - formação de mediadores em situação-problema, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)Atua como gestora escolar na Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador. E mail: decabelem@hotmail.com

Edmundo Vínicius Almeida Santos (Coautor) – Graduando em Pedagogia na Faculdade Educacional da Lapa . Atua como docente em escola da rede privada de Ensino de Salvador. Participante do curso de extensão de intervenção psicossocial - formação de mediadores em situação-problema, promovido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E mail: vinicanes@gmail.com